

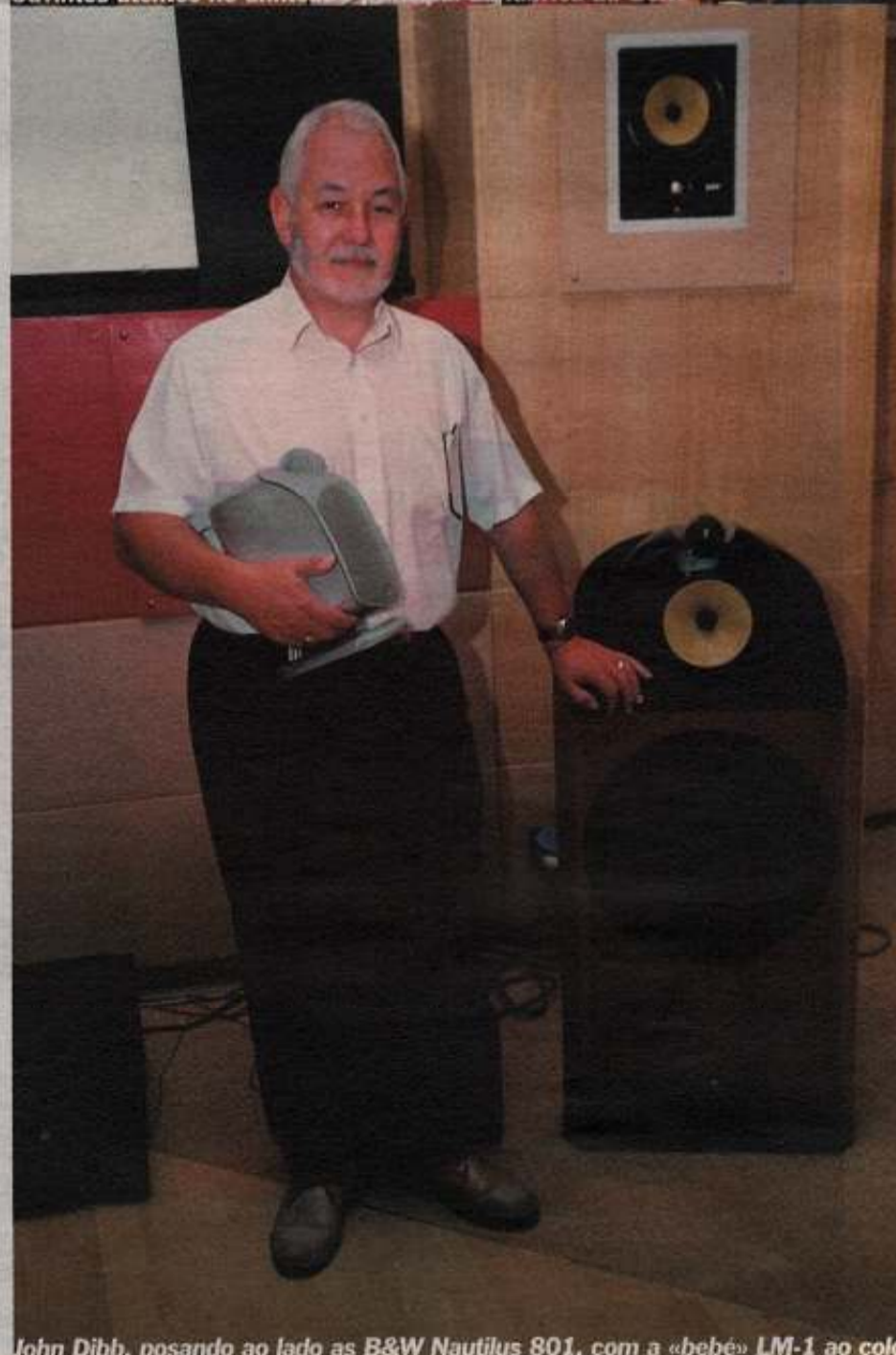


Estúdio e sistema de referência no Centro de Pesquisa da B&W, em Steyning

Peter Fryer, ou a ciência ao serviço da música



Ouvintes atentos no anfiteatro principal da fábrica da B&W



John Dibb, posando ao lado as B&W Nautilus 801, com a «bebê» LM-1 ao colo

Peter Fryer e John Dibb têm a sensibilidade, a cultura epistemológica e os meios técnicos para garantir no futuro o sucesso do presente alicerçado na experiência do passado, num processo dialéctico em busca da inalcançável (?) perfeição na reprodução do som

medição por interferometria laser e interferometria espectral. É agora possível ver (literalmente: a cores e em três dimensões) as colorações acústicas (comportamento errático do movimento de pistão dos altifalantes, por exemplo) que até aqui só se podiam detectar de ouvido.

A evidente paixão de Peter Fryer pelo estudo e o trabalho são contagiantes: «Às vezes até me esqueço de almoçar», confessou. O seu entusiasmo só tem paralelo na simplicidade cativante do seu sorriso. Peter partilha a sua longa experiência connosco, não como o professor que pretende deslumbrar o aluno com a sua sabedoria, mas antes como o mestre que guia os iniciados na descoberta da verdade do som, mesmo quando ela dói: «As colunas da B&W reproduzem o que está no disco e não uma versão impressionista da realidade sonora. «Reparem no comportamento deste altifalante da concorrência (uma erupção assimétrica de picos e vales surge no monitor do computador). E estão muito bem cotados no mercado...», ironizou Fryer. Qual? Não disse. «Por uma questão de elegância», desculpou-se. E passa de imediato a demonstrar como uma membrana finíssima, tão leve que responde à mínima deslocação do ar, colocada em frente a um altifalante, permite medir por interferometria laser, não já o movimento do cone, mas o movimento do próprio ar, e visualizar assim o desenvolvimento no tempo de uma onda sonora em resposta a um impulso. É como assistir em tempo real à fertilização de um óvulo que irá dar origem a um ser acústico tão perfeito quanto o estado da arte actual alcança.

Ouvir o som em 3D

John Dibb, o outro progenitor da série Nautilus 800, exhibe no rosto e no gesto a serenidade de quem atingiu na vida o estado de graça. É um dos responsáveis pelo Centro de Pesquisa da B&W, depois de ter passado pela Wharfedale e pela Tannoy. Compete-lhe demonstrar o produto final. John Dibb fala baixo e de forma pausada como um sacerdote em pleno acto litúrgico. Aproveita uma falsa abertura no tempo chuvoso que faz lá fora para nos propor um passeio turístico pela cidade de Steyning, uma jóia do património arquitectónico mundial: casas com mais de 300 anos perfeitamente preservadas, com as vigas de madeira da estrutura desenhando a negro figuras geométricas nas fachadas brancas ou de tijolo nu; umas com telhado tradicional de colmo, outras em estilo «mock-Tudor», todas habitadas, os jardins tratados com desvelo e carinho, regados abundantemente pelo excesso de zelo do clima britânico, que a meio do caminho decide ser desmancha-prazeres: uma chuva persistente impede-nos de visitar uma igreja normanda com mais de mil anos para grande desgosto de John Dibb.

Os povos que não honram o seu passado não têm futuro: é sobre os ensinamentos da história que assentam os destinos de uma nação. Assim é também na B&W onde tradição e inovação caminham de mãos dadas rumo ao futuro do áudio.

Enquanto a chuva caía lá fora, John deu-nos a ouvir em substituição a acústica dessa mesma igreja num registo pessoal do coro residente, através de um sistema de referência composto por colunas B&W Nautilus 801, amplificadores Mark Levinson 33, tendo como fonte o transporte/conversor Denon DP/DA S1.

manifestação de ... iberismo?, ou será de federalismo europeu?, algo que os ingleses desdenham só de pensar, mesmo com a libra a valorizar-se todos os dias face ao euro e a dificultar as exportações (deles) e as importações (nossas). Mas já gostam do branco e do tinto e não só de vinho do Porto, o que mostra uma abertura à cultura e aos produtos dos países do Sul. Agora só falta convencê-los a deixarem de conduzir pelo lado errado da estrada. Uma tarefa quase impossível num país onde, mais de dez anos depois da implantação do sistema métrico, os altifalantes ainda se medem em polegadas.

Ver o som em 3D

Peter Fryer recebeu-nos no seu laboratório sem segredos ou subterfúgios. E explicou tudo. Do porquê dos longos tubos das Nautilus e do estranho melão pontiagudo em Merlan (composto de resina e pó de pedra) que serve de caixa rígida de interior esférico ao altifalante de médios dos modelos Nautilus 801 e 802; da cápsula em forma de lágrima do «tweeter»; da ausência do tradicional meio-rôlo de borracha que serve de terminação aos cones em toda a área circular de junção com o chassis; da escolha do kevlar para fabricar os cones dos altifalantes, etc. Dezenas de inovações patenteadas, que não são outras tantas soluções empíricas, mas antes o resultado de longas experiências científicas baseadas em complexos cálculos matemáticos (elementos finitos) e no estudo do comportamento acústico e eléctrico de modelos físicos e virtuais (3D) de altifalantes testados em condições limite com o auxílio de sofisticadas técnicas de